

Os desafios da comunicação na educação dos discentes surdos durante o período pandêmico na Amazônia¹

Carla Georgia Travassos Teixeira PINTO²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo busca compreender quais representações são produzidas sobre a realidade pelos discentes surdos no contexto da pandemia do novo coronavírus. Nossas reflexões apontam a comunicação como ação ética (SODRÉ, 2014) e dimensão estruturante e organizadora da própria vida social (CASTRO, 2020), tendo como foco a exclusão institucional desses sujeitos no sistema educacional do Pará. Assim, de acordo com Buber (1974), que a atitude humana determina o significado de sua existência e o significado do mundo. Como corpus de análise foram selecionados onze discentes surdos, matriculados numa escola municipal de Belém. A pesquisa de caráter descritivo a partir de uma experiência vivida por uma das pesquisadoras. Como conclusão, alcançamos respostas positivas dos discentes à experiência, com o envolvimento na proposta de ensino remoto, evidenciando possibilidades que podem ser replicadas no ensino formal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Surdos; Comunicação; Pandemia; Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas mudanças produzidas pela pandemia do novo coronavírus, no mundo, desde 2020, em particular no Brasil, duas dimensões da vida social foram impactadas por completo, mesmo que sejam processos ainda em curso: a educação e a comunicação. Com a primeira, levando-se em conta o objetivo de evitar aglomeração e a disseminação do vírus, houve a necessidade do distanciamento social entre docentes e discentes, e assim uma nova modalidade de ensino foi implementada, o ensino remoto ou aulas híbridas, entre síncronas e assíncronas, com a mediação de recursos tecnológicos. Ao mesmo tempo, constata-se uma mudança na comunicação, que passa, segundo Castro

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, e-mail: carlageorgia24@yahoo.com.br.

(2020), a ser uma dimensão estruturante e organizadora da própria vida social na situação de longo risco de saúde. Ou seja, “os efeitos da pandemia também tendem a alterar, eventualmente potencializar, as mediações tecnológicas, estabelecendo novos padrões de acessibilidade e uso das redes” (CASTRO, 2020, p. 90).

Com o confinamento, as pessoas se veem obrigadas a inovar e produzir novas experiências e interações sociais, incluindo nas suas relações, de forma mais intensa, os artefatos tecnológicos. Aparelho de celular e internet, adentram de um modo geral a vida pública e privada dos indivíduos, e as redes sociais passam a ser consideradas principais instrumentos dessa interação e de informação para as pessoas em isolamento.

Esse diálogo e observação do que está sendo vivido com as tecnologias, hoje, nos remete às reflexões de Muniz Sodré (2002; 2014), quando nas várias inserções do seu pensamento afirma que há no tempo presente uma forma de vida autônoma, impulsionada pelo capital e tecnologicamente estruturada, em que se estaria migrando para e nos instalando cada vez mais no âmbito e nas interações criadas pelos nossos sistemas sociotécnicos de comunicação. Mas, enfatiza o autor, é necessário compreender a comunicação enquanto vínculo e relações no mundo cultural. Ou seja, enquanto “processo (ação) de pôr diferenças em comum” (SODRÉ, 2014, p. 194).

Esses apontamentos objetivam demarcar os aspectos que motivam a escrita do presente artigo. Qual seja? Refletir as relações entre educação e comunicação dentro de um contexto pandêmico que faz emergir a situação de sujeitos excluídos, institucionalmente, de participação ou de ter direitos à educação. No caso, aqui, os discentes surdos, que diante da situação sanitária da capital paraense, foi negado a eles a possibilidade de continuação de seus estudos, em 2020-2021. Em conformidade com (WITOSKI, 2017), em relação aos sujeitos surdos, as suas condições humanas são compreendidas por grande parte da classe hegemônica ouvinte com base em julgamentos de valor, muitas vezes considerados como incapacitados, inúteis ou mesmo improdutíveis.

Nesta perspectiva, indagamos: quais representações são produzidas sobre a realidade pelos discentes surdos no contexto da pandemia do novo coronavírus? E como

objetivos: a) experienciar modalidades do ensino remoto com os discentes surdos de Belém; b) analisar as representações que fazem do mundo a partir de um contexto de pandemia do novo coronavírus.

Na pesquisa adotamos a análise descritiva e de relato de experiência, como modalidades de conhecimento da pesquisa qualitativa, em que são combinados modos processuais do pesquisador e do pesquisado. Ou seja, o sujeito pesquisado é afetado, interpreta os conhecimentos e responde suas compreensões de acordo com sua experiência vivida. O relato de experiência tem natureza qualitativa, pois envolve diversas opções teóricas e metodológicas, com ênfase ao aspecto descritivo, interpretativo e compreensivo de fenômenos, circunscrita num tempo histórico. Segundo Minayo (2004), essa modalidade de pesquisa circula em torno de subjetividades provisoriamente objetivadas, em que o processo descritivo e interpretativo é atravessado pelo olhar/ leitura do pesquisador, ao mesmo tempo que o ato de compreender também está relacionado ao universo existencial, sem verdades unívocas.

O relato de experiência foi tomado por suas dimensões importantes de análise, entre elas: como construção de conhecimento científico; participação de um dos autores da pesquisa no contexto da situação em estudo, pois, inicialmente ele não é pensado como uma pesquisa, mas como efeito de significação por isso a necessidade da participação ativa do(s) autor(es) do projeto que faz parte da ação empreendida.

“A significação da experiência, enlaçada à realidade concreta, é identificada no processo ou posteriormente, quando o sujeito – já afetado pelo discurso da ciência – pode localizar a potência de teorização dessa, para o avanço de determinado campo de conhecimento. A experiência vivida deve se apresentar a partir de sua natureza vária. Não se trata de descrever a impossível coisa em si, mas de, a partir da experiência do autor, gerar novas noções teóricas com capacidade de provocar a emergência de outras problematizações e processos; isso inclui uma gama de potentes e necessários elementos, vinculados ao território físico e social, sujeitos, práticas e processos; além da dimensão temporal e relacional, combinando-se a seus efeitos. Trata-se de apresentar, de forma objetiva e rica, o cenário, o texto, os atores e as técnicas utilizadas, em conformidade com o contexto dos envolvidos na experiência, de forma descritiva.” (DALTRO; FARIA, 2019, pp. 234-235).

O relato de experiência deve ser descrito em forma de texto explicativo-interpretativo, em diálogo com correntes teóricas e conceituais, apontando novos saberes, a partir de uma escrita política e analítica, revelando o lugar de onde fala o autor. Portanto, deve oferecer ao leitor, segundo Daltro e Faria (2019, p. 235), “referências sobre de que lugar a experiência está sendo falada, singularizada e problematizada, garantindo um diálogo entre os saberes científicos, e muitas vezes não científicos, com os saberes implicados na experiência em estudo”.

Nesta perspectiva descrevemos os aspectos considerados no relato de experiência com os discentes surdos de Belém. Primeiro, nosso corpus de análise foi selecionado a partir da observação da situação de onze discentes surdos (seis mulheres e cinco homens), entre 9 a 16 anos, matriculados numa escola do ensino fundamental de Belém, que não teriam acesso à educação em 2020-2021, considerando que a instituição municipal não estava preparada para incluir esses sujeitos na nova modalidade de ensino provocada pela pandemia. Não aceitando aquela perspectiva de exclusão, uma das pesquisadoras e autora principal deste artigo, a partir de uma ação individual e isolada, com domínio da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, lotada na sala de leitura da respectiva escola, decidiu atender os discentes surdos com a modalidade de ensino remoto.

Dando continuidade, a docente entrou em contato com cada um dos alunos e verificou as possibilidades de acesso tecnológico, tais como: Whatsapp, aplicativo Zoom e google.meet, Instagram, e-mail, Youtube, dentre outros para estimular à aprendizagem. A partir deste contato inicial, e da identificação das possibilidades de cada discente, foi elaborado um planejamento com o objetivo do ensino remoto descrito nas seguintes etapas: a) diálogo com os familiares; b) troca de experiências entre os membros da família, colegas da turma e professora; c) registro fotográfico dos momentos de interação para constar do relatório final; d) encontros síncronos, uma ou duas vezes por semana, no horário determinado pelos discentes; e) atividades em conjunto, entre discentes e docente, nos ambientes das redes sociais; f) atividades temáticas tendo como referência o dia a dia com a família; e g) de acordo com os discentes, escolha de um tema ou assunto central a direcionar o desenvolvimento das atividades didáticas escritas. O assunto central a ser trabalhado no ensino remoto foi pandemia do novo coronavírus.

Após a sistematização da didática a ser implementada, em 14 de setembro de 2020, foram iniciadas as aulas para os respectivos discentes surdos, com término em 15 de dezembro 2021, e a interatividade acontecendo dentro das possibilidades de cada um, em conjunto com os familiares, e contribuição da professora da sala de leitura, com o propósito de estabelecer a contínua comunicação, troca de conhecimentos por intermédio da Libras e da escrita em Língua Portuguesa em L2, ações essas produzidas através das redes sociais.

Os materiais utilizados na aprendizagem foram: matérias e artigos jornalísticos sobre a pandemia e as questões sanitárias mundiais, tanto impressas quanto audiovisuais, materiais sobre a difusão de fake news, textos compartilhados por meio de Whatsapp e vídeos do Youtube, dentre outros. As intervenções se deram com a finalidade de orientações sobre as produções escritas ou de vídeos dos discentes surdos.

Todas as atividades foram organizadas no diário de aula dos alunos, assim como relatadas em reuniões de videochamadas com os discentes, via google.meet. Também nesse ambiente os alunos apresentaram seus vídeos em diálogo com os familiares, relacionados à temática pandemia, a partir de suas interpretações dos materiais jornalísticos consultados.

DIÁLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta escrita tem uma inspiração em Paulo Freire que “pensa a realidade e a ação sobre ela. Trabalha teoricamente a partir dela”, conforme nos diz (GADOTTI, 1996, p. 77), uma vez que analisa o contexto social de sujeitos surdos que ainda são excluídos de participação na sociedade.

Neste contexto, apresenta-se discussões acerca das narrativas difundidas na sociedade a respeito dos sujeitos surdos, ao julgar que essas narrativas salientam representações que podem evidenciar como a sociedade os percebe, e baseada nas informações teóricas em estudos sobre surdos (WITOSKI, 2017; SKLIAR, 2009; PERLIN, 1998, 2000, 2003; LUNARDI, 1998, 2003;), essas representações se singularizam em momentos históricos diferentes, que os determina ora como sujeitos

patológicos e incompetentes, a surdez como doença; ora como sujeitos narrados como componentes de um grupo minoritário, com singularidades linguísticas que devem ser consideradas e reconhecidas, a surdez como diferença.

Mas ainda percebemos que esse processo ainda se encontra intimamente relacionado às desigualdades nas relações sociais existentes, e às implicações dessas nos espaços legais, institucionais, sociais e culturais. Neste sentido, segundo (WITOSKI (2017, p. 884), os julgamentos preconceituosos ou pejorativos às pessoas surdas são resultantes de uma “construção social histórica estigmatizada, e edificada a partir de rígidas classificações e hierarquizações binárias do ser humano, que estabelecem que o normal é ser ouvinte, e que, portanto, a pessoa que não ouve é anormal”.

Neste sentido, dialogamos com as representações sociais e os sentidos na “formação de um outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” (MOSCOVICI, 1978, p.24). As representações sociais se produzem sobretudo quando as pessoas estão reveladas às instituições, aos meios de comunicação de massa e ao legado histórico cultural da sociedade. O conhecimento extraído do senso comum é reconhecido, transformando o não familiar em familiar, assim, o saber do dia a dia do sujeito, produz a ruptura com a preponderância da compreensão científica. Assim, as representações sociais se instituem em um conjunto de “conceitos, preposições e explicações criada na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente, na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podem ainda ser vistas com a versão contemporânea do senso comum”. (MOSCOVICI, 2003, p. 28).

Segundo Jovchelovitch (2000), a edificação das representações sociais tem disposições históricas e sociais demonstradas como componentes fundamentais nos procedimentos de ancoragem e objetivação. Enquanto acontecimento, as representações sociais agregam em sua organização interna: permanência e diversidade, tanto a história como a realidade

“Elas contêm em si a mudança e a resistência a mudança. A resistência à mudança se expressa pelo peso da história e pela tradição, que impinge sobre os processos de ancoragem e objetivação. As sementes

da mudança são encontradas no meio essencial das representações sociais, notadamente a conversação. A fala é precisamente o produto de um processo, contínuo de diálogo, conflito e confrontação entre o novo e o velho, de ideias que se formam precisamente enquanto são faladas” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41-42).

Neste sentido, as representações sociais são uma técnica produzida por atores sociais “para enfrentar a adversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (JOVCHELOVITCH, 1997, p. 42). Ou seja, a sua compreensão reclama um caráter tanto alusivo, quanto construtivista, pois sempre estão na posição de alguma coisa, reproduzem algum objeto. Por reproduzir, possuem a capacidade de re-apresentar, sendo assim móveis, versáteis e em contínua transformação, descobrindo na fala, na conversação, o ambiente fértil e o espaço para modificar-se.

Os conhecimentos a respeito dos juízos, entendimentos e representações sociais têm guiado significativas contribuições de autores no entendimento dos estigmas que surgem em volta do sujeito surdo, uma vez que, possuem como alicerce narrativas produzidas por um grupo hegemônico que impõem padrões de normalidades.

Essas representações ocorrem em vários momentos, situações e ambientes em que sujeitos se encontram e se comunicam, onde se processa a vida cotidiana e nos domínios de convicções e concepções particulares de diferenciados segmentos e grupos populacionais. Tais narrativas não são neutras e têm consequências na vida das pessoas. Por conseguinte, modalidades de conhecimento práticos, dirigidas para a comunicação e para o entendimento do contexto social em que vivenciamos e se expressam por meio de conceitos, categorias, imagens, teorias, porém não se limitam aos segmentos cognitivos. Isto posto, são fenômenos sociais realizados nas funções simbólicas e ideológica e das formas de comunicação onde circulam.

Por isso, consideramos importante o diálogo com as Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003), uma vez que sua perspectiva se centra na relação entre sujeito e sociedade, fazendo com que este sujeito, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, construa tanto o mundo como a si próprio. E lembramos, de acordo com Duveen (apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2013, p. 8), que as representações sustentadas

pelas “influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós ligamos uns aos outros”.

REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS DA REALIDADE

Como mencionado anteriormente, pensamos na utilização das redes sociais, não como ferramenta de lazer, mas, especialmente de aprendizagem. Ao selecionar as redes sociais, imediatamente organizamos um planejamento de ensino, tendo como prioridade a continuidade do trabalho com a leitura e escrita, indispensável no desenvolvimento cognitivo destes.

Por intermédio das tecnologias e, com a autorização dos responsáveis, a professora entrava em contato com os discentes surdos pelo Whatsapp no horário que estes estariam em sala de aula e, por vídeo chamada, utilizando a Libras iniciávamos nossas conversas, saudando e procurando sempre saber como estavam todos. Na sequência, estabelecia-se as orientações sobre as atividades que deveriam ser desenvolvidas, com o compartilhamento de links do Youtube de reportagens jornalísticas da TV Globo e TV Liberal. A partir das matérias jornalísticas era solicitado que os discentes observassem o tratamento dado à pandemia, os cuidados que deveriam ser tomados, a questão da higiene, o uso de máscaras, a importância do distanciamento social, e ter conhecimentos sobre a Covid-19. Do mesmo modo, inferia como eles estavam observando a postura do poder público, autoridades municipais, estadual e federal; questões sobre o auxílio emergencial (assunto de interesse dos discentes, devido suas condições e de seus familiares); assim como a proliferação de Fake News e como deviam se proteger das desinformações.

Com a rede social Instagram compartilhávamos notícias do site DOL - Diário Online, ligado ao jornal paraense Diário do Pará, com assuntos também referentes à pandemia. As observações dos discentes, a partir de um olhar crítico do material dessas redes sociais, resultaram na produção de textos, que após elaborados, eram fotografados e enviados para o número pessoal da professora, via Whatsapp, assim como as dúvidas

sobre a execução das tarefas eram tiradas por chamadas de vídeo. Todos os exercícios realizados eram debatidos e conforme correções eram reformulados.

Paralelo às atividades didáticas, recorremos à plataforma Zoom na versão gratuita - instalada nos aparelhos de celular dos discentes -, em alternância como o Google.meet, na realização das rodas de conversas com discentes e familiares. Nessas atividades, incluímos os familiares na construção do conhecimento e na discussão sobre a pandemia. Discentes e familiares optavam quase sempre pelo uso do Zoom, pois consideravam mais fácil o seu manuseio. Gravamos todos os encontros e registramos as capturas das telas, após autorização de todos. O e-mail nesta experiência, foi utilizado para confirmar nossos horários de reunião.

Compreendemos como importante esse trabalho ou experiência coletiva, pois possibilita nos moldes de Freire (1987) um diálogo entre professor e aluno, procurando transformar o estudante em um aprendiz ativo, contra um comportamento que transforma os alunos em objetos receptores, controla o pensamento e a ação e inibe o seu poder criativo.

Fundamentados nas notícias jornalísticas, os discentes surdos, relataram suas experiências por intermédio de produção de textos e vídeos, discorrendo sobre as representações e percepções observadas sobre a pandemia. Eles reconheceram a gravidade do momento atravessado, apontando para uma grave crise sanitária e humanitária mundial. Para eles, o novo coronavírus é uma ameaça à saúde, e sobretudo, à renda dos mais humildes e, igualmente, a contaminação é facilitada pela distribuição desigual de renda. Percebe-se que o olhar sobre a pandemia está conectado ao cotidiano dos estudantes e às experiências que eles têm, perspectiva essa que se assemelha ao que nos diz Paulo Freire (1987) na sua obra “Pedagogia do oprimido”.

Os discentes “dialogaram” com o material jornalístico, principalmente as matérias das emissoras de tevê, fez-se questionamentos críticos em relação aos comportamentos e discursos entre a ciência e as autoridades como o presidente Trump (EUA) e Bolsonaro (Brasil), e como esses governantes geraram conflitos e tensionamentos entre os indivíduos, a partir de seus comportamentos equivocados.

Os discentes relataram em seus textos, condutas de parentes e vizinhos que afetam a sociedade como um todo, motivados por ideologias políticas que contrariavam as orientações da Organização Mundial de Saúde - OMS.

As produções textuais dos discentes apresentaram interpretações sobre os conflitos entre vida e morte, irracionalidade política no combate ao vírus, e a percepção do papel da escola neste momento, atrelada a dificuldade em realizar as atividades propostas, em virtude dos obstáculos de acesso aos recursos tecnológicos e a internet. Relataram também em seus textos situações de angústia, violência doméstica e trágicos acontecimentos de mortes.

Destaca-se, em específico, a situação de uma das discentes envolvidas nesta experiência, pois não foi possível assistir os vídeos indicados pela professora, uma vez que contrariava o comportamento de seu pai que afirmava que os mesmos eram “coisa do diabo”. Assim, para participar das atividades, que considerava essencial como recurso didático e de conhecimento, era necessário, utilizar o celular escondido de uma tia. Relata em seus textos que seu pai estava desempregado, e por isso, em sua casa havia fome e, por várias vezes dormiu com fome e chorando. Identificamos assim, um entrelaçamento de histórias, todas relacionadas ao contexto familiar, em que o pai é uma figura presente em todas as suas narrativas, ora como opressor, ora como oprimido e o agravamento das circunstâncias provocadas pelo novo coronavírus.

O COMPORTAMENTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA NO USO DA TECNOLOGIA

Observa-se na experiência do ensino remoto, que a tecnologia se configura como relevante, acredita-se que até mais do que para os ouvintes, pois eles puderam reencontrar com seus iguais. A modalidade de ensino remoto, possibilitou troca de experiências, saberes a respeito do novo coronavírus, tiveram um espaço para expressar as suas percepções e de suas famílias. A partir dessas matérias jornalísticas externaram as interpretações dos pais, pois assistiam e discutiam com os mesmos.

Outra importante observação, nessa modalidade de ensino, é que os discentes surdos não se intimidaram ou diminuíram sua condição, pelo contrário, com a tecnologia e as informações obtidas por intermédio do material indicado, não se portaram como sujeitos passivos, mas fizeram questão de ter uma participação ativa na construção do conhecimento. Claramente, utilizaram a tecnologia para narrar suas compreensões e de seus familiares a respeito do novo coronavírus. E, como todo o contexto pandêmico transformou e agravou suas respectivas realidades sociais.

O uso da tecnologia outorgou a possibilidade deste sujeito examinar autônoma e criticamente, as posturas diversas diante do mundo, contribuiu positivamente na interação deste sujeito com o mundo. Não podemos negar que essa experiência proporcionou novas sinergias entre os discentes, família e a professora.

Ressaltamos, que no desenvolvimento dessa experiência tivemos algumas dificuldades que foram solucionadas com conversas entre a professora e as famílias, entre elas: falta de compreensão, no início do ensino remoto, do uso das redes sociais no desenvolvimento das atividades, justamente porque alguns não tinham acesso a essas redes; dificuldade em relação ao tempo disponibilizado para o uso do celular, uma vez que, determinados discentes tinham que socializar um único aparelho com todos os membros da família; falta de recursos financeiros para manter regularmente acesso à internet; e por último, dificuldade de compreensão de alguns responsáveis em relação ao uso dos celulares, pelos discentes para a continuidade do processo de aprendizagem.

O trabalho utilizando as redes sociais (whatsapp, aplicativo Zoom, Instragram, google meet, e-mail e youtube) com os discentes surdos, teve como fundamento a comunicação como algo intrínseco à necessidade humana, conforme nos indica Sodré (2014, p. 9) ao declarar que “originalmente, comunicar, agir em comum, ou deixar de agir o comum, significa, vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo”.

Deste modo, inferimos que os indivíduos são comunicantes porque existe algo em comum que necessita ser compartilhado. Para esse fim, foi indispensável relacionar e

“sistematizar mediações simbólicas” compreendendo que a comunicação através das redes sociais seria nossa principal forma de ordenação para responder nosso principal objetivo que foi de experimentar essa nova modalidade de ensino remoto e, compreender como esses sujeitos e suas respectivas famílias estavam lidando com o isolamento e o bombardeio de notícias sobre o que fazer e como agir, assim como lidar com sentimentos diversos, como: perdas, mortes, lutos, angústias, ansiedades, depressões, entre outros.

Então, utilizamos as redes sociais, não como ferramenta de lazer, mas como recurso de aprendizagem, considerando ser o ambiente de familiaridade e acesso dos jovens.

Planejamos o ensino, privilegiando a comunicação, em conformidade com Castro (2020), a partir das transformações provocadas pela pandemia nas relações interpessoais, “transformações nos processos de sociabilidade e no campo da proxêmica – as estratégias e sensibilidades de proximidade e distanciamento que envolvem pessoas, objetos e lugares – e mesmo das formas de convívio num mundo pandêmico e pós-pandêmico” (CASTRO, 2020, p. 88), tendo os discentes surdos como prioridade e a continuidade do trabalho com a leitura e escrita como finalidade indispensável no desenvolvimento cognitivo destes. “[...] experimentamos um processo de tecnologização da vida social ainda sem precedentes, amplificado pelas imposições do isolamento social e pelas próprias dinâmicas de saúde pública associadas à condição pandêmica [...]”(CASTRO, 2020, p. 97-98).

É importante destacar que, ao finalizar cada atividade, os discentes enviavam à professora da sala de leitura, que em conclusão dava a apreciação, com a intenção de incentivar novas criações textuais e quando indispensável, realizava correções para o aperfeiçoamento das atividades. Nesta perspectiva, observamos que os discentes a partir da comunicação construíram o sentido da vida social, uma vez que seus relatos serviram para reconhecer-se a si mesmo no contexto mundo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Primeiro aspecto a destacar nesta experiência, reafirmando o que dizia Paulo Freire em outro contexto histórico e relevante para pensar o hoje: a educação é um ato

político, que liberta os indivíduos por meio da “consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade” (FREIRE, 1987, p. 45).

A partir dos textos escritos pelos discentes surdos constatamos um modo próprio de pensar, levando em conta as experiências de cada discente surdo e sua condição em busca de ser incluído como prioridade na educação. Os discentes apresentaram construções de uma consciência reflexiva, pensando sobre eles e suas relações com o mundo.

Evidente, que nessa experiência inicial, do ensino remoto com discentes surdos, excluídos do debate de acesso à educação nesse período nas escolas municipais de Belém, nos defrontamos com alguns desafios e dificuldades, entre eles: no início do processo, os discentes apresentaram certa dificuldade em compreender como se processaria o desenvolvimento das atividades com o uso das redes sociais, devido alguns não terem acesso a esses ambiente digitais; a disponibilidade de aparelho de celular, pois em alguns casos, os discentes dividem com os outros membros da família um único aparelho; dificuldades financeiras para ter acesso à Internet; dificuldades de compreensão, por alguns responsáveis dos discentes, em relação ao uso dos celulares, como acesso às aulas.

Nesta pesquisa, ainda há muito o que explorar, interessante rever o problema que norteou essa experiência: quais representações são produzidas sobre a realidade pelos discentes surdos no contexto da pandemia do novo coronavírus? Igualmente, convém reexaminar os objetivos traçados no início desta experiência os quais foram: experienciar modalidade de ensino remoto com discentes surdos de Belém e, analisar as representações que fazem do mundo a partir de um contexto de pandemia do novo coronavírus. Alicerçados nestas perguntas que dirigiram a experiência afirmam-se que as representações sociais produzidas sobre a surdez, sobretudo, nos posicionamentos da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e, igualmente, de professores regentes, perpetuam-se representações por meio de discursos que compreendem os sujeitos surdos como “deficientes”, “incapazes”, determinando uma associação negativa, de exclusão, e por não estarem incluídos no modelo padrão hegemônico ouvinte.

E, sem aceitar essas concepções, desenvolvemos essa experiência na modalidade do ensino remoto, tendo como princípio a comunicação através das redes sociais, como instrumento para estimular a aprendizagem do discente surdo e, simultaneamente, informando e dando continuidade ao processo de leitura e escrita.

E, devido à práxis dialógica e inclusiva fortaleceu-se nos discentes surdos o engajamento na realização das atividades propostas, autoestima e motivação. Muito mais do que diálogo a comunicação que desenvolvemos nessa experiência despertou a curiosidade, ampliou a interação entre os discentes, família e professora. Alcançamos uma vivência prática daquilo que é trabalhado em sala de aula. Essa experiência em que utilizamos as redes sociais, possibilitou o apoio social que evidencia os aspectos positivos das interações, como compartilhar informações, sistemas de trocas e o entrelaçamento de relação entre os familiares.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu-tu**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Impactos da Covid-19 sobre os processos comunicacionais: Primeiras observações sobre dinâmicas, impasses e riscos**. Paper do NAEA. 2020, Volume 29, Nº 1 (Dossiê Crise e Pandemia). ISSN 5169111.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. **Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro v. 19 n. 1 p. 223-237 Janeiro a Abril de 2019. ISSN 1808-4281.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. 14. Ed.- Petrópolis, Vozes, 2013.

JOVCHELOVITCH, S. **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais**. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LANE, H. **When the mind hears: a history of the deaf**. London: Penguin Books, 1988. (Data do copyright: 1984).

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In:.(Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOURA, M. C. de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

RÉE, J. **I see a voice: deafness, language and the senses: a philosophical history**. New York: Metropolitan Books, 1999.

SÁNCHEZ, C. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas: CEPROSORD, 1990.

SKLIAR, C. **La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendoza: EDIUNC, 1997^a.

SODRÉ, Muniz. **Ciência do comum**. Petrópolis, Vozes, 2014.

_____. **História de educação dos surdos**. Texto-base de curso de Licenciatura de Letras/ Libras, UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, Vozes, 2002.

WITOSKI, Sílvia Andreis. **A interface entre a família e o direito ao ensino bilíngue parasujeitos surdos: rompendo oposições binárias**. ETD-Educação Temática Digital. Campinas, v.19 n.3 p. 882-900 jul./set. 2017. DOI:10.20396/etd.v19i3.8646222.